

## “GAFANHOTO: QUE BICHO É ESSE?” INVESTIGAÇÕES DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ÂMBITO DO PIBID

Silvana Batista Sousa <sup>1</sup>  
Gabriele Figueiredo Chaves <sup>2</sup>  
Lucinete Gomes Gonçalves <sup>3</sup>  
Leila Lôbo de Carvalho <sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido em uma turma da Educação Infantil de uma escola pública de Guanambi-BA, com 20 crianças de três anos de idade, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A pesquisa configura-se como uma ação colaborativa. A metodologia adotada baseia-se na observação participante, que permitiu acompanhar de forma sistemática as interações, aprendizagens e interesses das crianças no cotidiano escolar. Na observação participante identificou-se grande interesse pelo mundo natural, o que motivou o planejamento de contextos de experiências mediados pela abordagem dos Círculos de Culturas da Infância (CRIA), que articula brincadeiras, experimentações e exploração do ambiente a partir da curiosidade despertada pelo encontro de um gafanhoto nos espaços da instituição. Os resultados indicam que práticas pedagógicas fundamentadas em interesses das crianças, as reconhece como um sujeito ativo, criativo e produtor de cultura, e enfatiza a importância de proporcionar ambientes que permitam a liberdade de criação, sobretudo em contextos que envolvam elementos naturais. Contudo, para que essa liberdade se materialize em práticas pedagógicas, o papel do pedagogo é fundamental, pois ele deve planejar ações intencionais que evitem o "emparedamento" das crianças e proporcionem experiências diversificadas que acolham os interesses da turma. As narrativas construídas durante o projeto evidenciam a participação das crianças, o que reforça a utilização de uma abordagem que valorize o seu protagonismo, além de ampliar o seu repertório cultural sustentado pela curiosidade. Conclui-se que a vivência desses momentos para as bolsistas de ID revela ser fundamental para a formação docente. As experiências proporcionadas pelo Pibid não apenas permitem a articulação entre teoria e prática, mas também possibilitam reconhecer e valorizar o protagonismo das crianças.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Contexto de experiência, Cultura da infância.

### PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

1 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação *Campus* XII Guanambi, BA, bolsista do Pibid, [silvana-histo@hotmail.com](mailto:silvana-histo@hotmail.com);

2 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação *Campus* XII Guanambi, BA, bolsista do Pibid, [gabbyfigueiredo285@gmail.com](mailto:gabbyfigueiredo285@gmail.com);

3 Pedagoga, Especialista em Educação do Campo, pela da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação *Campus* XII. professora de Educação Infantil na rede pública municipal de Guanambi-BA, [lucinetegoncalves2018@gmail.com](mailto:lucinetegoncalves2018@gmail.com);

4 Pedagoga, mestra em Educação, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, professora de Educação Infantil na rede pública municipal de Guanambi-BA, supervisora do Pibid, [leilalobo@edu.guanambi.ba.gov.br](mailto:leilalobo@edu.guanambi.ba.gov.br).





Este relato descreve uma experiência vivenciada com crianças da Educação Infantil em idade de três anos, cujo fazer pedagógico se deu a partir de suas curiosidades e da sua exploração do mundo físico e natural. Dessa forma, foram desenvolvidos contextos de experiências vinculados à temática eminente da turma “Gafanhoto: que bicho é esse?”. O CRIA (Silva, 2024) é a abordagem pedagógica que fundamenta o planejamento de ações, por meio da escuta atenta, da observação do cotidiano e das brincadeiras das crianças, que permitem identificar aspectos de suas culturas originadas em outros contextos.

Assim, o desenvolvimento do projeto configurou-se como um processo significativo e participativo, onde envolveu não somente a escola, mas também a família. Possibilitou às crianças a ampliação de seus conhecimentos em múltiplas áreas, inseridas no universo da leitura e da escrita, do conhecimento científico, entre outros. Essa experiência permitiu às crianças a construção de sentidos sobre a realidade que as cerca, de forma crítica e reflexiva. Essa prática dialoga com a concepção freireana de educação como prática da liberdade, em que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 22).

Na ação pedagógica as crianças foram protagonistas do processo de aprendizagem, descobrindo, questionando, formulando hipóteses e ressignificando seus saberes prévios, num movimento contínuo de construção de conhecimento. A vivência desses momentos para as bolsistas de ID revela ser fundamental para a formação docente. As experiências proporcionadas pelo Pibid apenas permitem a articulação entre teoria e prática, mas também possibilitam reconhecer e valorizar o protagonismo das crianças, além de desconstruir estigmas ainda presentes na Educação Infantil, como a visão de que a criança é apenas receptora de saberes.

A criança, como sujeito histórico, social e cultural, produz saberes e significados a partir de suas experiências. Ao assumir esse papel, ela participa ativamente das interações, explora, questiona, formula hipóteses, cria estratégias e ressignifica suas descobertas, desenvolvendo autonomia e senso crítico como pudemos constatar no desenrolar do projeto. Nessa perspectiva, o professor atua como mediador, criando contextos de aprendizagem significativos que valorizem a escuta, a curiosidade, seus saberes e sua cultura. Dessa forma, compartilhar experiências educativas possibilita a reflexão sobre a prática e a consolidação da criança enquanto ser ativo, participativo e protagonista na construção do próprio conhecimento.



Este estudo, de abordagem qualitativa, definida como um “processo de reflexão, análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (Oliveira, 2012, p. 37), está vinculado ao Pibid, edital nº 010/2024.

A pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética sob o número CAAE 567424220.0.0000.0057, com autorização para o uso de imagens na pesquisa científica. Esta investigação é desenvolvida por meio da observação participante em uma turma com 20 crianças de três anos, da Educação Infantil de uma escola pública de Guanambi-BA, município localizado na região sudoeste do estado. Por integrar o processo de formação docente, configura-se como uma pesquisa-ação colaborativa (Pimenta, 2005), conduzida atualmente por 10 bolsistas, uma professora supervisora bolsista, uma professora voluntária e duas pibidianas voluntárias atuantes em duas turmas no núcleo de Educação Infantil.

Nesse sentido, a observação participante permitiu identificar o interesse pelos elementos da natureza. Diante disso, os saberes foram ampliados por meio de contextos de experiência, mediados pela abordagem dos Círculos de Culturas da Infância (CRIA), planejados a partir da curiosidade em torno de um gafanhoto encontrado entre as mangueiras da instituição.

## **DO GAFANHOTO À BIOFILIA: A CONSTRUÇÃO DE SABERES COM A NATUREZA**

Este estudo está vinculado ao Pibid, um programa que faz parte da Política Nacional de Formação de Professores, promovida pelo Ministério da Educação, e tem como objetivo incentivar o ingresso na carreira docente, além de favorecer a qualificação da formação de professores em nível superior e o aprimoramento da educação básica pública brasileira. A proposta possibilita que estudantes de cursos de licenciatura vivenciem o cotidiano das escolas públicas de educação básica, a fim de ampliar suas experiências formativas e contribuir para sua formação docente (Brasil, 2014).

Diante disso, Sousa, Vieira e Reis (2025), ao tratar do olhar que os alunos de uma turma do 1º ano têm sobre o programa, comentam que o Pibid valoriza a docência, além de permitir a integração entre a teoria e a prática. A participação ativa, conforme as autoras,





proporciona reflexões acerca do programa, as quais contribuem para a formação da identidade docente.

Nesse sentido, o núcleo da Educação Infantil, fundamentado na abordagem do CRIA, reconhece que a construção de conhecimento na Educação Infantil deve valorizar a cultura da infância, a partir das experiências e produções nos contextos sociais das crianças. Além disso, a brincadeira e a narrativa são utilizadas como recursos para o desenvolvimento de saberes. Assim, o CRIA estabelece uma forma de pensar e agir pedagogicamente com as crianças a partir de situações vivenciadas no cotidiano, as quais, ao serem problematizadas, possibilitam a identificação de temas geradores de projetos para ampliar os saberes das crianças por meio de contextos de experiências (Silva, 2024).

Com isso, enquanto as crianças brincavam livremente no pátio, observaram um gafanhoto entre as mangueiras. Essa situação existencial deu origem à narrativa do cotidiano “Bicho Misterioso”. Ao analisá-la durante o planejamento, percebeu-se que os seres que habitam o entorno da EMEI despertavam estranhamento e curiosidade nas crianças. Dessa forma, as professoras, em parceria com as bolsistas de Iniciação à Docência (ID), planejaram ações intencionais para ampliar os saberes por meio de diversos recursos, incluindo os elementos naturais, além de promover o “desemparedamento” (Schaefer; Tiriba; Oliveira, 2021), ou seja, a criação de contextos que aproximassem as crianças da natureza.

Essa iniciativa se contrapõe aos fundamentados do modelo europeu de modernidade, que têm contribuído para uma sociedade cada vez mais distante do mundo natural. Isso acontece devido ao fato de sermos “emparedados” em fábricas e indústrias, e assim culturalmente esse modelo é reproduzido com as crianças nas escolas. Criam-se escolas que “divorcia[m] os seres humanos da natureza e os lança[m] a um patamar antropocêntrico, supostamente superior aos demais seres” (Schaefer; Tiriba; Santos, 2021, p. 2).

Tiriba e Souza (2023), destacam a natureza como base para a expressão humana e ponto de partida para a construção de uma linguagem sensível e emocional. Além disso, os autores ressaltam que a natureza deve ser um espaço explorado e manipulado pelas crianças, capaz de possibilitar interações diretas que contribuam para sua formação integral. A primeira infância, segundo Silva e Silva (2013 *apud* Junqueira, 2024), é um período crucial para desenvolver essa ligação, pois é nessa fase que se formam as primeiras apropriações culturais e socioambientais. Nesse sentido, a valorização de espaços naturais promove a sensação de pertencimento e reforça a representatividade do local de origem.

Schaefer, Tiriba e Oliveira (2021) ressaltam que, embora a atração humana pelo que é vivo possa ser inata, sua manutenção depende da cultura. Assim, torna-se fundamental





que o direito ao brincar livre e à exploração da natureza seja garantido, a fim de fortalecer as relações afetivas e a conexão com o ambiente em que as crianças vivem. Com isso, Pomilio e Reis (2021) mencionam que a biofilia como uma paixão pela vida é contraposta ao impacto da cultura do consumo, que enfraquece os vínculos biofílicos e a valorização do natural, além de contribuir para a perda de biodiversidade.

Diante disso, as autoras propõem uma urgente reestruturação dos espaços escolares. É necessário ultrapassar os muros das instituições e substituir áreas cimentadas por quintais, jardins, plantações, riachos e outros ambientes naturais. Esses espaços, além de promoverem a vivência, o brincar e o aprendizado, ampliam o potencial das interações entre criança e natureza, que permitem com que sejam criadas bases para uma educação que valorize a vida em sua plenitude e diversidade.

Em síntese, a biofilia, entendida como "amor pela natureza", está intimamente conectada às práticas pedagógicas na Educação Infantil. A sua ausência pode comprometer a aprendizagem, além de influenciar a forma como as crianças percebem e vivenciam suas experiências com o mundo natural. Assim, promover uma educação que valorize a biofilia é essencial para fortalecer as conexões das crianças com a natureza e promover com o desenvolvimento integral.

## **GAFANHOTO: QUE BICHO É ESSE?**

### **O Bicho Misterioso**

Era uma manhã aparentemente comum na EMEI, as crianças brincavam no parquinho, entre os brinquedos, balanços e árvores. Mas de repente Giovana e Jordan se aproximam entusiasmados e dizem:

-Tia, o bicho! -Comentou Giovana.

- O bicho. -Repetiu Jordan

- É um bicho moto! – Falou Maria

- O bicho tatava moto! – Exclamou Flávia, com um olhar meio assustado.

Giovana continuou a andar pelo parquinho com o bicho em suas mãos, mostrando a todos os seus colegas, causando empolgação em alguns, medo e estranhamento em outros.

-O bicho, o bicho! – Gritavam as crianças em coro.

- O bicho é fofinho. - Falou Pietro.

- Vocês conhecem esse bicho? – Curiosa eu perguntei.

- É um gafanhoto, ele come tudo. – Afirmou Pietro, com muita convicção.

O trecho acima é um recorte da narrativa do cotidiano que marca a chegada do bicho misterioso na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de Guanambi/BA. O inseto que ainda não era conhecido por muitas crianças, se constituiu como objeto de interesse da turma,







no entanto, este não foi o único a ser encontrado. Em meio aos diferentes espaços vivenciados na EMEI, seres como sapos, borboletas, formigas e aranhas visitaram a escola e despertaram encantamento e anseios.

Tais aparições foram registradas e narradas por meio de fotografias, áudios, vídeos e textos verbais escritos pelas professoras e pibidianas que vivenciam esse cotidiano com a turma. Conforme Silva (2024), estes instrumentos que carregam as memórias das experiências na EMEI, se constituem como um ato político pedagógico que documenta e torna visível as vivências e saberes que os pequenos compartilham com seus pares e adultos. Nesse sentido, as narrativas se tornam recurso para construção das memórias da infância, que contribuem para que as crianças percebam que as situações sociais vivenciadas no cotidiano perpassam pela experiência sensorial e avançam para experiência simbólica (Silva, 2024).

Desse modo, as narrativas construídas ao longo do primeiro semestre de 2025, evidenciam as culturas locais e culturas da infância vivenciadas e construídas pelas crianças. Além disso, narram as situações existenciais e temas geradores que emergem nas interações e na brincadeira. O apoio nestes documentos e as observações realizadas durante a participação colaborativa, contribuem para que as professoras juntamente com as pibidianas, construam um plano de ações pedagógicas que promovam para as crianças contextos de experiências. Ou seja, momentos que proporcionem que elas se desenvolvam integralmente na creche, compartilhem e ampliem seus saberes, enquanto brincam e interagem com as materialidades, espaços, tempos, relações e transições.

Sendo assim, em meio as visitas de insetos na EMEI, foram organizadas várias propostas de experimentação como construção de cartaz sobre os conhecimentos prévios, jogos de mesa, contação de história com fantoches, vídeos científicos, entre outros. As ações que buscavam compreender um pouco mais sobre os insetos que visitavam a EMEI, causaram êxtase entre as crianças e ampliação de saberes entre a turma e professoras, pois nesse entrelaçar, os conhecimentos vão sendo construídos de forma mútua. Nesse sentido, no intuito de observar quais desses bichos estavam presentes no dia a dia das crianças nos seus outros espaços de convivência, em uma proposta colaborativa com os responsáveis, a turma foi convidada a manter o olhar atento para identificar os insetos encontrados na rua, na roça, ou em casa e dialogarem com os colegas sobre a aventura vivenciada.

Na semana seguinte, aranhas, besouros, lagartas e casulos que foram descobertos já sem vida, foram socializados em roda de conversa, mas algo diferente chamava a atenção da turma. Uma das crianças, com o apoio de seu pai, carregou com muito carinho um gafanhoto que queria saltitar pela sala referência. Diferente do primeiro gafanhoto que foi encontrado na





EMEI já sem vida, com grandes olhos, corpo longo e coloração esverdeada, o inseto compartilhado nesse momento ~~era menor, amarelado e~~ <sup>era menor, amarelado e</sup> provocou a atenção da turma com seus movimentos.

Os relatos das crianças sobre as vivências com seus responsáveis à procura dos insetos e o encantamento pelos traços e movimentos do gafanhoto encontrado, provocaram as professoras e pibidianas a refletirem as situações sociais narradas. As reflexões pelo coletivo, contribuíram a pensar questões problematizadoras que orientassem a construção de contextos de experiências que ressignificassem os sentidos e mobilizasse saberes sobre o gafanhoto nessa turma. Assim, o projeto “Gafanhoto: Que bicho é esse?” foi sendo desenvolvido, perpassando por contextos que envolvessem diversas linguagens.

Nesse sentido, em busca de compreender o que poderia ser feito com os bichos encontrados sem vida e os cuidados necessários com o gafanhoto, foi organizado um momento de diálogo com uma bióloga. A conversa promoveu a construção de saberes científicos sobre os insetos e como armazená-los com álcool 70%. Além disso, ela apresentou às crianças como poderiam cuidar do pequeno gafanhoto, construir uma casa maior e mais confortável para ele e como alimentá-lo durante a jornada na creche.

Os diálogos propostos pela bióloga e nos encontros formativos do Pibid, possibilitaram a organização de outros contextos de experiência que envolvessem os cuidados com o gafanhoto, a mobilização de saberes sobre eles e ações que garantissem os direitos das crianças em brincar, participar, conviver, expressar, explorar e conhecer-se (Brasil, 2018). Dessa forma, a organização da jornada semanal da EMEI possibilitou evidenciar os contextos propostos e observar, refletir e narrar as propostas vivenciadas e os modos de participação das crianças.

Nessa perspectiva, a partir das discussões sobre a casa e a alimentação do inseto encontrado, as crianças foram convidadas a construírem um terrário para o gafanhoto. Logo, ao pensar nos espaços e materialidades a serem disponibilizados, o contexto foi organizado no pé de cajueiro da EMEI, com galhos, folhas, pedras, terra e conchas compartilhadas por uma das crianças da turma. Assim, o inseto nomeado pela turma como Caramelo recebeu uma nova casa confortável e cuidados diários com sua alimentação.

No desenrolar das propostas de experimentação a turma vivenciou momentos de pintura, grafismo, bandeja de experimentação, construção e construtividade, brincadeira de circuito, modelagem, cinevídeo, contextos literários e musicalização. As ações articuladas com as práticas de zelo com o gafanhoto desenvolvidas com as crianças, possibilitaram verificar a quantidade de folhas que o gafanhoto comia no dia, contar, cantar, registrar e



representar as vivências por meio de desenhos narrativos e pinturas organizadas com diversas materialidades e riscantes. No entanto, as professoras e pibidianas se sentiram provocadas nesse caminhar, pois como simbolizar o gafanhoto para além do plano bidimensional oferecido pelas folhas de papel ofício?

**Figura 1** - Contextos de experiências no Projeto “Gafanhoto: Que bicho é esse?”



**Fonte:** Acervo do Pibid (2025).

Nesse sentido, após a construção do terrário coletivo, as crianças foram convidadas a fazer cada uma do seu modo os seus próprios terrários. Dessa forma, um contexto foi organizado com argila, pedras, folhas, galhos e água para que pudessem explorar individualmente os elementos importantes para compor esse pequeno ecossistema. Além disso, a turma preparou massinha de modelar caseira com farinha de trigo, óleo, sal e corante alimentício. Em seguida, modelaram o gafanhoto ao tempo que destacavam as partes de seu corpo como antenas, patas e asas ao utilizar dos seus atos de criação com elementos naturais.

Ao serem convidadas a representar grandes gafanhotos para construção da instalação da turma com recursos naturais, as crianças expressaram a necessidade de utilizar papéis e canetas para desenhar, colocando a ação com estes outros elementos como impossível. Logo, foi proposto um contexto de construção e construtividade com sementes de flamboyant, sabugos de milho, cocos, sementes de abóbora e elásticos. Em meio às tentativas, as crianças arquitetaram uma casa para o inseto e criaram seus gafanhotos levando em consideração as partes de seu corpo, ressignificando-os a partir de seus interesses e vivências.

Além disso, as crianças experienciaram em seu cotidiano na EMEI a interação com a leitura e a escrita articuladas às outras linguagens. Logo, compartilharam momentos de contação de histórias, leitura das narrativas, escritas espontâneas e em diferentes apoios e riscantes. O contato com a representação da palavra gafanhoto impulsionou o desejo de escrever a letra G, dessa forma, às tentativas de escrita nas sementes de flamboyant, na





parede, azulejos, chão, com canetas, pincéis, giz e água, auxiliaram as crianças a perceberem as letras que compõem esse nome.

Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

Tais vivências auxiliaram na percepção dos formatos das letras, na escrita representada por garatujas e nas tentativas de fechamento de círculos no intuito de se aproximar da letra G. Nesse caminho, as crianças demonstram interesse para além da letra inicial e buscavam realizar a escrita da palavra, além disso, por meio dessas ações, fizeram associações das letras de seus nomes presentes em outros vocábulos. No entrelaçar da articulação com as diversas linguagens, a turma deixou registros de seus processos de apropriação da cultura escrita e as significações de sua função social em vários espaços da EMEI.

**Figura 2 - Representações do gafanhoto e terrário com elementos naturais**



Fonte: Acervo pessoal do Pibid (2025).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança é reconhecida como um sujeito ativo, criativo e produtor de cultura, conforme a perspectiva do CRIA. Esse entendimento enfatiza a importância de proporcionar ambientes que permitam a liberdade de criação, sobretudo em contextos que envolvam recursos naturais. Contudo, para que essa liberdade se materialize em práticas pedagógicas, o papel do pedagogo é fundamental, pois ele deve planejar ações intencionais que evitem o "emparedamento" das crianças, ou seja, que ultrapassem os limites da sala referência e proporcionem experiências diversificadas e que atendam aos interesses e vivências das crianças.

Nesse sentido, o CRIA possibilita o planejamento de ações por meio da escuta atenta, da observação do cotidiano e das brincadeiras das crianças, que permitem identificar aspectos de suas culturas originadas em outros contextos. Assim, ao partir da realidade das crianças, os saberes são construídos por meio do contato com a literatura, arte, diálogo com profissionais, música e outras experiências que são articuladas com o conhecimento científico. Além disso, as narrativas construídas durante o projeto evidenciam a participação das crianças, o que





reforça a utilização de uma abordagem que valorize o seu protagonismo, além de ampliar o seu repertório cultural sustentado pela curiosidade.

A vivência desses momentos para as bolsistas de ID revela ser fundamental para a formação docente. As experiências proporcionadas pelo Pibid não apenas permitem a articulação entre teoria e prática, mas também possibilitam reconhecer e valorizar o protagonismo das crianças, além de desconstruir estigmas ainda presentes na Educação Infantil, como a visão de que a criança é apenas receptora de saberes, e adotar abordagens que respeitem suas formas próprias de se expressar e valorizem suas curiosidades e saberes. Em suma, a partir da observação participante no cotidiano escolar, amplia-se o olhar para os desafios e possibilidades do trabalho docente, além de permitir a adoção de uma postura crítica, sensível e comprometida com abordagens pedagógicas que valorizam a infância e o protagonismo das crianças.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).** *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)*. Brasília, DF: CAPES, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 11 de agosto de 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUNQUEIRA, Fernanda de Deus. “Olha o ninho de pombinha!” Percepções das crianças de uma escola do campo sobre a natureza que as cerca. *In: XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste* – Reunião Científica Regional – ANPED Nordeste. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2024. Disponível em: [https://regionais.anped.org.br/nordeste2024/wp-content/uploads/sites/15/2024/11/Caderno-de-Programacao-EPEN333777\\_compressed.pdf](https://regionais.anped.org.br/nordeste2024/wp-content/uploads/sites/15/2024/11/Caderno-de-Programacao-EPEN333777_compressed.pdf). Acesso em: 11 de agosto de 2025.

POMILIO, Dulce Cornetet dos Santos; REIS, Carlos Sousa. Para Além das Paredes da Sala de Aula: a educação biofílica para bebês e crianças pequeninas. *In: Educação como prática da liberdade:* cartas da Amazônia para o mundo. 40ª Reunião Nacional da ANPED. Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2021. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_42\\_20](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_42_20). Acesso em: 11 de agosto de 2025.

SCHAEFER, Kátia de Souza e Almeida Bizzo; TIRIBA, Lea; OLIVEIRA, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento de. Na contramão da BNCC: do emparedamento ao livre.





brincar, em busca de pedagogias biofílicas. In: 40ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 2021, Universidade Federal do Pará, UFPA. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/44\\_18](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/44_18). Acesso em: 11 de agosto de 2025.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9HMYtvM7bpRtzLv6XyvwBxw/?format=pdf&lang=pt>. Disponível em: 09 de agosto de 2025.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira. Círculos de Culturas da Infância (CRIA) como abordagem pedagógica na Educação Infantil. In: SILVA, Elenice de Brito Teixeira. Almeida, Larissa Monique (Org). **Círculos de Culturas da infância na Educação Infantil: Narrativas do cotidiano da Educação Infantil**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2024.

SOUSA, Silvana Batista, VIANA, Magna Melo; REIS, Sônia Alves de Oliveira. O olhar dos alunos do 1º ano “A” do Ensino Fundamental da escola João Farias Cotrim sobre uma pibidiana. In: **Seminário Interdisciplinar Em Ensino, Extensão e Pesquisa**, Caetité-BA, 2024. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/sieep/article/view/23662>. Acesso em 11 de agosto de 2025.

